

Maria Lygia Quartim de Moraes(?)

1. A cannabis entra na cena sociológica

Depois do feminismo, do aborto, da homossexualidade, do racismo, da violência na família... a maconha entra na cena sociológica brasileira. Esta erva, trazida pelos escravos africanos, tornou-se, no decorrer das últimas décadas, um hábito (e um fato) entre segmentos das classes médias, especialmente na população de 15/35 anos. Não chega a ser um fato brasileiro dada sua ampla utilização, na forma de "haxixe" (a resina da cannabis sativa), entre jovens europeus, sem se falar dos norte-americanos. Mas não é da maconha, seus usuários, efeitos e controvérsias que quero falar. O que me interessa assinalar é o "fato sociológico" constituído pelo consumo de drogas (pois a maconha é considerada "droga" exatamente como a cocaína ou a heroína), por um lado, e as incipientes - e tímidas - análises científicas sobre a questão, por outro lado.

Digamos que o consumo de maconha - cuja abundância em sementes, e rapidez de desenvolvimento, permite florações semestrais, tornando-a uma planta doméstica, de fácil cultivo - é velho no país mas, enquanto foi coisa de escravos ou de pobres, pouca atenção merecia: era um mero caso de polícia. Ademais, envolvendo um comércio que passou a se tornar cada vez mais rendoso, a maconha passou a uma "semi-legalidade", que retrata bem a comunhão de interesses entre policiais (que, se a maconha fosse descriminalizada, não poderiam cobrar para permitir a transgressão), traficantes, máfias de distribuição de drogas e a extrema-direita, sempre preocupada em encontrar um tema para levar sua guerra santa, como bem demonstra a presença do empresário Mario Garnero em recente reunião (abril 87) de autoridades brasileiras e norte-americanas na luta contra as drogas. (1)

Julio de Mesquita Filho - UNESP

Professora do Departamento de Sociologia da UNESP-campus Araraquara e Pesquisadora do CNPq.

(1) Como se sabe este empresário foi responsável pelos fraudes do Investbanco, anos atrás.

Proibida e clandestina, a maconha coloca no lugar da transgressão usuários que, como aponta o trabalho de MACRAE (1) "pertencem frequentemente a importantes camadas formadoras de opinião e suas atitudes têm muita repercussão". Assim, cantores, artistas e mesmo desportistas são conhecidos defensores do uso da maconha ao mesmo tempo que "a clandestinidade tem o mérito de impor ao meio social o medo, o mistério e a desinformação: onde há medo, surge a coação e a subserviência; onde há mistério existe o boato que denuncia apenas parte da verdade, alterando-a em sua essência; e a desinformação gera o poder, a inquietude e a impossibilidade de opção consciente", com bem formula RONCA (2), outro estudioso da questão. Mas, de qualquer maneira, a maconha é uma realidade cotidiana com a qual estamos convivendo. É uma realidade brasileira concreta.

Parafraseando o príncipe da Dinamarca do drama de Shakespeare, poderíamos, então, dizer que "há mais maconheiros entre o céu e a terra do que imagina nossa vã sociologia". Pois, na verdade, antes de ser um tema "emergente na sociologia" a maconha é um tema que transborda do real. Que a sociologia acadêmica o tome como objeto de estudo, tanto melhor para ela que estará, assim, mais próxima do conhecimento do cotidiano do povo brasileiro. Televisão, macumba, cerveja, futebol e carnaval... temas do real. Que, aliás, entram na cena do saber das ciências sociais através da antropologia social, pois a sociologia universitária centra-se mais nas chamadas "questões fundamentais da vida social", especialmente na "contradição antagônica que opõe trabalho versus capital".

Um breve histórico da construção da sociologia como teoria, por um lado, e como disciplina acadêmica, por outro, ajudará na compreensão do meu ponto de vista.

2. Raízes

A sociologia nasceu francesa. Segundo o conceituado dicionário LALANDE (3), o termo foi criado por Augusto Comte "pour désigner ce qu'il appelait d'abord la physique sociale, c'est-à-dire l'étude des phénomènes sociaux, considérés comme formant un règne d'effets naturels soumis à des lois, de même que les phénomènes physiques et biologiques". Comte, admirador e contemporâneo da revolução francesa, naturaliza a vida social, reduzindo-a a uma escalada progressiva de estágios inferiores a superiores, ao "progresso social". Nossa sociologia oficial -

tomando como referência o curso de Ciências Sociais da USP - nasceu das sucessivas missões culturais francesas, que trouxeram a presença e as idéias de Roger Bastide, Lévi-Strauss, e, posteriormente, Alain Touraine e Pierre Clastres. Dado o regime de cátedra vitalícia ainda vigente nos anos sessenta, a presença do catedrático - Florestan Fernandes, no caso - implicava também ~~X~~ uma certa predominância de suas preferências teóricas. O levantamento dos doutorados defendidos neste período é ilustrativo, especialmente se levarmos em consideração os dois considerados mais importantes - estudos de Otavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso sobre as relações entre escravagismo e capitalismo no Brasil. Dado o fato de que a Faculdade de Economia passava das mãos de advogados conservadores (especializados em economia) para a dos economistas propriamente ditos, de formação marginalista e anti-marxista, o espaço acadêmico aberto à discussão do marxismo e da realidade social brasileira localizava-se no curso de Ciências Sociais, extremamente procurado pelos jovens de minha geração.

Assim, os estudos sociológicos, nesta década, incidiram especialmente sobre a questão do caráter da economia e da sociedade brasileiras - se o capitalismo já predominava ou não como modo de produção -, gerando ampla bibliografia sobre o assunto. Ao mesmo tempo, nas matérias básicas, estudava-se a sociologia norte-americana, com Parsons, Firth, etc. - inexistindo qualquer curso em que Comte recebesse uma citação qualquer. O que só vem demonstrar como o significante "sociologia" encobre significados diversos, historicamente determinados. Minha geração universitária teve, portanto, o papel de ter sido a primeira "socializada" a partir de uma certa salada teórica, que o livro de Florestan Fernandes - "Os Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica" - sintetiza bem, na sua abordagem "marxista-weberiana-durkheimiana".

Hoje, na maior parte dos cursos sobre teorias sociológicas das universidades paulistas, estes três pensadores são apresentados como os pilares da sociologia contemporânea e, informalmente conhecidos como "os três porquinhos". Não obstante o fato de que, como costume alertar meus alunos, Marx teve sua formação teórica centrada na filosofia e na economia política (trabalhando com uma sociabilidade fundada nas relações sociais de produção); Weber, para mim, é antes de mais

nada um brilhante historiador e de que sociólogo propriamente dito são o Durkheim.

Mas o grande divisor de águas entre a geração dos estudantes de Ciências Sociais da década dos anos 60 e seus colegas dos anos 80 não se localiza meramente nas teorias sociológicas em voga ou na adoção de um certo tipo de "saber sociológico". Para minha geração as ciências sociais eram uma abertura de todos os pontos de vista; uma nova maneira de relacionamento com o mundo; especialmente porque ali íamos para poder transformá-lo. No primeiro ano noturno de 1963 não havia aluno que também não fosse um militante político - do partido comunista à ação popular. Queríamos transformar o país, participar de uma revolução que propiciasse a socialização dos meios de produção, que realizasse a transformação socialista da "infra estrutura", condição necessária e suficiente para as consequentes mudanças da "supra estrutura". Assim, a partir do dogma que a "infra estrutura determinava a supra" não nos preocupávamos com a "perfumaria" que constituíam as "outras" sociologias, voltadas para a cultura ou para assuntos menores.

Nosso marxismo era todo voltado para o discurso político de Marx, poucos tiveram tempo para conhecer O Capital. Nossa frase predileta era aquela que dizia que "agora, tratava-se de transformar o mundo, não de teorizá-lo". A Revolução Cubana, a guerra do Vietnã, os escritos de Guevara, as reuniões da OLAS, a revolta estudantil na Europa, nos Estados- Unidos eram nosso alimento cotidiano. A adesão à luta armada, à resistência armada ao regime militar pós-64, com aquela enorme lista de jovens mortos, na tortura, fuzilados; uma grande proporção de jovens sociólogos. Outros, sobreviveram. Alguns conheceram o exílio e novas realidades. A anistia trouxe todo o mundo de volta e, assim, alguns puderam retornar à universidade que, ao longo da década ^{de 70} sofrera diversas violentações, paralizou-se como centro irradiador de idéias, de discussão, de saber. Mas aí eu entraria num terreno em que o Gianotti pode ser tomado como porta-voz de muitos, quando fala da universidade dos sábios versus a universidade dos sabidos.

Assim, também há uma sociologia dos sábios e uma sociologia dos sabidos. A degradação do ensino e da pesquisa refletiu-se no próprio ocaso da sociologia. Não são mais os mais curiosos, generosos e inquietos que buscam nossas faculdades. A baixa qualidade da formação teórica dos professores, o carreirismo nas universidades, a degradação dos salários, a multiplicação de faculdades de pior nível - para se falar dos problemas mais próximos - podem ser apontados para explicar o porquê ^{de a} sociologia já aparenta ser uma velha senhora, quando ainda estamos no seu ^{20º} Congresso... III

3. As questões ditas "emergentes"

A imprensa conhecida como "alternativa", "independente" ou, ainda, de "nânica" (pelos da "grande imprensa"...) oferece um rico exemplo dos novos caminhos trilhados pelas forças democráticas durante as sucessivas ditaduras militares da década dos ^{anos} setenta. Opinião, reunindo talentosos e competentes jornalistas, com sua linha editorial de "retorno à democracia", merece ser citado por seu papel pioneiro. Em seguida, acompanhando a própria individualização das forças políticas dentro da frente democrática, um "racha" dentro do Opinião dá nascimento ao Movimento, jornal símbolo da imprensa alternativa, alvo predileto da censura prévia.

Eu poderia também falar do Versus, com sua proposta cultural avançada; ou, então, do Lampião e dos intelectuais e artistas que o editavam, lutando contra a discriminação da homossexualidade e por uma abertura geral da política brasileira; do Raízes, primeira tentativa de organização em torno da defesa do meio ambiente e de muitos outros, editados em outros estados do país. Mas é do feminismo, com sua trajetória particular, que me sinto mais à vontade para falar, na própria medida de minha vivência. Brasil Mulher e Nós Mulheres representavam não somente um canal de expressão da "questão feminina" como, principalmente, a conquista de um espaço de militância, de vinculação com o chamado movimento real, com o cotidiano das mulheres das periferias, de outras realidades sociais que não a nossa, as editoras, filhas das classes médias. Daí o vigor de nossa imprensa. Editar o jornal era o de menos: importante era divulgar-lo, ir até as leitoras consideradas "prioritárias", vale dizer, operárias e trabalhadoras de modo geral. Tínhamos contatos com clubes de mães, associações de bairro, sindicatos, etc.

Despertar a consciência da opressão; fornecer referencial teórico para a construção de um discurso sobre a questão da mulher; abrir espaço social e político para a militância feminista e aliar-se às forças democráticas e socialistas eram pontos mais ou menos explícitos na atuação desta primeira geração de feministas, especialmente ativa nos anos 1975/80. O primeiro número do jornal Nós Mulheres, de julho de 1976, exemplifica e coesão destes objetivos em seu editorial, do qual selecionei alguns trechos:

"Achamos que NÓS MULHERES devemos lutar para que possamos nos preparar, tanto quanto os homens, para enfrentar a vida. Para que tenhamos o direito à realização. Para que ganhemos salários iguais quando fazemos trabalhos iguais. Para que a sociedade como um todo reconheça que nossos filhos são a geração de amanhã e que o cuidado deles é um dever de todos e não só das mulheres. É possível que nos perguntem: "Mas se as mulheres querem tudo isto, quem vai cuidar da casa e dos filhos?" Nós responderemos: O trabalho doméstico e o cuidado dos filhos é um trabalho necessário, pois ninguém come comida crua, anda sujo ou pode deixar os filhos abandonados. Queremos portanto boas creches e escolas para nossos filhos, lavanderias coletivas e restaurantes a preços populares, para que possamos junto com o homem assumir as responsabilidades da sociedade. Queremos também que nossos companheiros reconheçam que a casa em que moramos e os filhos que temos são deles e que eles devem assumir conosco a responsabilidades caseiras e nossa luta para torná-las sociais. Mas não é só. NÓS MULHERES queremos, junto com os homens, lutar por uma sociedade mais justa, onde todos possam comer, estudar, trabalhar em trabalhos dignos, se divertir, ter onde morar, ter o que vestir e o que calçar. E, por isto, não separamos a luta da mulher da luta de todos, homens e mulheres, por sua emancipação.

NÓS MULHERES decidimos fazer este jornal feminista para que possamos ter um espaço nosso, para discutir nossa situação e nossos problemas. E, também, para pensarmos juntas nas soluções. Sua colaboração é muito importante. São poucas as tribunas democráticas que a mulher (e não só a mulher) encontra hoje em dia para poder expressar sua opinião tanto em relação aos problemas gerais da sociedade quanto ao seu problema específico de mulher".

Esta era a tônica; estes os temas. Da socialização da vida doméstica (creches e restaurantes e lavanderias coletivas...); do princípio de "a igual trabalho, igual salário"; da divisão e redefinição dos papéis familiares; da valorização do trabalho doméstico; da comunhão entre mulheres oprimidas e todos os explorados; da necessidade da luta e da organização (4).

X Mas quem eram estas "nós mulheres"? Qual seu perfil sócio econômico? De que lugar, nas complexas hierarquias de nossa vida social, falavam?

"Para traçarmos um perfil da produtora, tomamos seu corpo editorial mais estável, constituído pelas 10 mulheres que compõem o Conselho Editorial do número 7 (de 1977). A idade média gira em torno de 26 anos, sendo que a caçula entrou no Nós Mulheres com 17 anos. Naquele momento, quatro mulheres eram solteiras, duas morando fora do lar paterno; duas estavam separadas dos maridos, vivendo sós com os filhos; uma vivia uma relação estável sem coabitação e, finalmente, tres en-
 contravam-se casadas com o mesmo marido: duas eram realmente monogâmicas e uma terceira vivia a experiência do casamento aberto. Das dez, nenhuma tinha um emprego estável, coisa que se modificou bastante posteriormente, muito em função da nossa própria auto-conscientização. A esmagadora maioria era constituída por estudantes (de psicologia, de comunicações, de história) e sociólogas (metade das mulheres já eram sociólogas diplomadas) e uma jornalista profissional. (o último grifo é meu, visando acentuar a maioria de sociólogas...)
 Em termos sócio-econômicos tínhamos as filhas de famílias ricas; as casadas de classe média e algumas profissionais da pequena burguesia". (5)

Trata-se de uma amostra representativa das feministas da última metade da década dos setenta. Universitárias de formação; profissionais liberais da área das ciências sociais; jovens, algumas mães de famílias (as mais velhas do grupo); originárias dos estratos superiores das classes médias; e bastante politizadas. Em S. Paulo, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, e nas outras capitais onde o feminismo chegou a organizar-se enquanto "movimento autônomo", uma grande porcentagem de militantes acabou por dedicar-se também profissionalmente à questão da mulher, tornando-a seu objeto de estudo, trabalho e militância a uma só vez. Falo não somente das sociólogas (atualizando os dados de 1977, podemos dizer que duas, entre as dez mulheres do Conselho Editorial, são sociólogas profissionais, tendo desenvolvido tese sobre o tema da mulher) mas também da jornalista, que hoje dirige uma publicação para mulheres; dos curtas metragens produzidos por outras duas, também em torno da questão feminina.

Desta maneira, uma das rotas pelas quais a questão da mulher emergiu do cotidiano e transformou-se em objeto de estudo, penetrando na universidade, é exatamente esta, da militância feminista. Não é a única, evidentemente, como constata o importante trabalho de OLIVEIRA

et alii, "Pesquisa sobre mulher no Brasil - do limbo ao gueto?" (.), uma reconstrução das temáticas e abordagens deste campo de estudos na última década.

Acredito que a passagem da militância à pesquisa e a transformação da experiência de militância em reflexão teórica sobre os movimentos sociais são traços comuns aos temas que hoje discutimos sob a rubrica de "questões emergentes". Significam, também, a ampliação do conceito de cidadania à medida em que a heterogeneidade do tecido social se faz mais visível. Finalmente, é o aprofundamento destas questões, trazidas pelo movimento das forças sociais, que permite a sociologia cumprir sua vocação histórica, renovar-se e (re)construir-se enquanto ciência social.

Concebido como "levantamento de temas para o debate" este texto não pretendeu senão - na minha maneira impressionista de escrever - registrar um depoimento - o de uma socióloga representativa de sua geração.

Isa
Mina
Mina

Notas Bibliográficas

- (1) MACRAE, E. "A Antropologia e o uso das drogas: a questão da maconha".
~~Temas~~ Temas IMESC-Sociedade, Direito, Saúde, São Paulo, v.3.
 dez.1986
- (2) RONCA, P.A.C. "Con-vivendo-com-a-maconha" ~~in~~ Temas... ¹⁹⁸⁶ ~~op.cit.~~
- (3) LALANDE, "Vocabulaire technique et critique de la philosophie"
 P.U.F., Paris, 1968.
- (4) MORAES, M.L.Q. de Família e feminismo: reflexões sobre papéis
 femininos na imprensa para mulheres, São Paulo,
 1981, tese de doutoramento.
- (5) idem, ibidem, pag.218/219 .
- (6) OLIVEIRA, A.G., BARROSO, C. e SARTI, C. Pesquisa sobre mulher no Bra-
 sil- do limbo ao gueto? in
 Cadernos de Pesquisa, n°54.
 São Paulo, agosto de 1985.